

Melina Marchetta

Na  
Estrada  
Jellicoe

Tradução

GUILHERME MIRANDA

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2006 by Melina Marchetta  
Publicado originalmente pela Penguin Australia em 2006.  
Tradução publicada mediante acordo com Jill Grinberg Literary Management LLC  
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.  
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A citação original de *Poemas*, de W.B. Yeats, foi retirada da edição da Companhia das Letras (1992),  
com tradução de Paulo Vizioli.

TÍTULO ORIGINAL On the Jellicoe Road

CAPA Carlo Giovani

PREPARAÇÃO Raquel Nakasone

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues, Larissa Lino Barbosa e Vivian Miwa Matsushita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Marchetta, Melina

Na estrada Jellicoe / Melina Marchetta ; tradução  
Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte,  
2016.

Título original: On the Jellicoe Road.  
ISBN 978-85-5534-001-7

1. Literatura juvenil I. Título.

---

16-01742

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

# Um

*Vinte e dois anos depois*

Estou sonhando com o menino da árvore e, quando estou prestes a ouvir a resposta pela qual tenho esperado, lanternas me arrancam do que poderia ser um daqueles momentos perfeitos de clareza sobre os quais as pessoas falam pelo resto da vida. Se eu fosse dramática, poderia imaginar meus suspiros sendo ouvidos na cidadezinha lá embaixo, fora dos muros da escola.

A pergunta praticamente pede para ser feita: “Por que lanternas?”. Acender a luz do lado da minha cama teria sido muito menos chamativo e dramático. Mas, se aprendi alguma coisa nos últimos cinco anos, é que esse melodrama tem um papel especial na vida dos alunos da Escola Jellicoe. Assim, enquanto as bocas das minhas veteranas se movem e suas mãos me ameaçam, lembro do sonho com o menino, porque nele encontro consolo. Gosto dessa palavra. Vai ser minha palavra do ano. Existe alguma coisa naquele menino que faz eu me sentir bem. Sentir bem. *Bem sentir*. Expressão estranha, mas, tirando a semântica, está pau a pau com *consolo*.

Em algum lugar daquele mundo sonolento, que não é nem lá nem cá, vou estar pendurada na árvore, as pernas presas no galho

e as mãos espalmadas, tentando pegar o ar ao mesmo tempo intoxicante e perfumado pelo aroma doce do carvalho. Ao meu lado, como sempre, está o menino. Não sei o nome dele e não sei por que me chama, mas está lá toda vez, ouvindo a mesma música num daqueles walkmans dos anos 80 — uma música sobre árvores de fogo e sentimentos de amizade que ficaram no passado. O menino me deixa participar e canto sempre o mesmo verso. Os olhos dele sempre se enchem de lágrimas nesse momento, e isso me provoca uma nostalgia que não tenho motivo para sentir, mas que me faz sofrer mesmo assim. Nunca conseguimos chegar ao fim da música e, quando acordo, lembro que devia ter perguntado sobre aqueles últimos compassos. Não sei por quê, mas sempre esqueço.

Conto histórias para ele. Muitas histórias. Sobre a Escola Jellicoe e os citadinos e os cadetes de uma escola de Sydney. Sobre a guerra que travamos por território. E sobre Hannah, que mora na casa inacabada à beira do rio próximo à Escola Jellicoe. Hannah, que é jovem demais para se esconder do mundo, e inteligente demais para só ficar organizando atividades de fins de semana para as crianças da minha Casa. Hannah, que acha que entendeu tudo sobre mim. Conto sobre a época em que eu estava no oitavo ano, pouco antes do ermitão murmurar no meu ouvido e se matar em seguida, quando fui à procura da minha mãe, mas só cheguei no meio do caminho. Conto que culpo o cadete por isso.

O menino da árvore chora incontrolavelmente quando conto sobre o ermitão e minha mãe, mas seus olhos brilham toda vez que menciono Hannah. E ele sempre me pergunta: “Taylor, e o brigadeiro que foi atrás de você naquele dia? O que aconteceu com ele?”. Tento explicar que o brigadeiro não é importante para a história, mas ele sempre balança a cabeça, como se soubesse de alguma coisa que não sei.

Tem vezes, como essa, em que ele se aproxima para me lembrar

o que o ermitão tinha murmurado. Ele chega tão perto que sinto seu cheiro de árvore-do-chá e sândalo. Forço os ouvidos para escutar e não esquecer. Forço os ouvidos, querendo lembrar, porque, de algum modo, por motivos que não sei, o que ele disser vai responder tudo. Ele se aproxima e sussurra no meu ouvido...

— Está na hora!

Hesito por um segundo ou dois, talvez porque o sonho ainda esteja flutuando por aí e eu possa retornar àquele momento crucial. Mas as lanternas fazem meus olhos arderem e, quando consigo afastá-las, vejo impaciência no rosto das minhas veteranas.

— Se quiser que a gente te assuste, Taylor Markham, a gente vai te assustar.

Saio da cama, visto moletom e botas, e pego meu inalador.

— Vocês estão usando flanela — respondo para elas, firme. — Como vão me assustar?

Elas me levam pelo corredor, passando pelos quartos das veteranas mais velhas. Vejo meninas do décimo primeiro ano paradas na porta, me observando. Algumas, como Raffaella, tentam me encarar nos olhos, mas desvio o olhar. Raffaella me deixa sentimental, e não existe lugar para sentimentalismo na minha vida. Mas, só por um momento, penso nas primeiras noites no dormitório cinco anos atrás, quando Raffaella e eu deitávamos lado a lado, e ela ouvia uma história que já esqueci sobre minha vida na cidade grande. Sempre vou lembrar do olhar dela. “Taylor Markham”, ela disse uma vez, “vou rezar por você.” E, embora eu quisesse tirar sarro dela e explicar que não acreditava em nada nem em ninguém, percebi que nunca tinham rezado por mim antes. Então deixei pra lá.

Seguindo as veteranas, desço dois lances de escada até o dormitório das calouras.

Teoricamente, a janela daqui é a menos visível da Casa. Na verdade, já dominei a arte de descer pela minha própria janela, mas

nunca me atrevi a contar para as veteranas. Assim tenho mais liberdade e não preciso ficar explicando todos os meus movimentos para as espiãs do sétimo ano. Comecei como elas. Escolhem a gente bem cedo por aqui.

Um espinho fura meu pé através da bota e paro por um momento, até que me empurram para a frente. Então continuo, permitindo que elas desempenhem seus papéis.

Na escuridão absoluta, a trilha que leva até a cabana de reunião só é perceptível pela sensação de terra macia sob meus pés. No escuro, uma das veteranas tropeça atrás de mim. Mas continuo andando, focada e com os olhos fechados. Desde que me tiraram do dormitório no sétimo ano tenho sido treinada para assumir o comando, assim como os protegidos das outras Casas. Cinco anos é um longo tempo de espera e, sabe-se lá como, fiquei entediada durante esse período. Assim, quando nos aproximamos da cabana e entramos, sinto as ondas de hostilidade me atingirem, e começo a planejar minha fuga. Só que, desta vez, não estou no oitavo ano e nenhum cadete vai me seguir. Sou só eu. Segundo Dickens, a primeira regra da natureza humana é a autopreservação e, quando perdoá-lo por ter escrito um personagem tão patético quanto Oliver Twist, vou agradecer pelo conselho.

As velas iluminam o chão de terra coberto por lona onde os veteranos de todas as Casas estão sentados ao lado de seus sucessores, esperando o veredicto.

— Esta é a cerimônia oficial de passagem — diz aquele no comando. — Vamos manter as coisas simples. Isso não é uma democracia. Quem estiver no comando decide. Essa pessoa só pode ser substituída se cinco ou mais líderes de Casas assinarem um documento considerando-a incompetente. Quem estiver no comando tem a última palavra no que vai ser negociado com os cadetes e os cidadãos. Só quem comanda tem o direito de se render ao inimigo.

Richard, da Casa Murrumbidgee, segura uma risada. Não sei se é porque ele tem certeza de que o cargo já é dele ou se está rindo da ideia de alguém se rendendo ao inimigo, mas me irrita.

— O importante é nunca revelar nada — continua aquele no comando —, muito menos para os professores ou funcionários do alojamento. Toda vez que o coordenador do seu alojamento pedir uma reunião, fiquem quietinhos e finjam que estão ouvindo todas as palavras, mas não deixem que eles descubram o que acontece aqui depois do horário letivo.

— Que é...? — Ben Cassidy pergunta, educado.

— Como assim? — diz um dos veteranos dele.

— Bom, o que exatamente acontece aqui depois do horário letivo?

— Aonde você quer chegar? — insiste seu veterano.

Ben dá de ombros.

— Todo mundo vive falando sobre o que acontece depois do horário, mas parece que não acontece nada além de reuniões assim.

— Então, para começar — diz aquele no comando —, não fale sobre essas reuniões.

— Bom, não é como se não soubessem o que está acontecendo — continua Ben. — Teve uma vez que eu estava com a Hannah e a gente estava comendo bolinhos e ela me fez umas cento e poucas perguntas, como sempre. — Ele observa os outros protegidos ao redor, como se estivessemos interessados. — Ela mesma faz os bolinhos. Hum, delícia! Enfim, a gente ficou conversando e falei: “Hannah, você mora neste lugar desde que estou aqui e tem a melhor vista panorâmica de todas as Casas, então o que acha que acontece depois das aulas?”.

— Essa é uma ótima pergunta para se fazer a alguém que vive de conversinha com o diretor, Cassidy — diz Richard. — Seu babaca idiota.

— Não tínhamos muitas pessoas para escolher — explica o líder da Casa Clarence, lançando um olhar severo para Ben e lhe dando um tapa na nuca.

Ben parece resignado. No sétimo ano, apanhava pelo menos uma vez por mês, especialmente dos veteranos dele. E visitava a Hannah, o que eu achava irritante, já que ele tinha um adulto cuidando da Casa dele. A coisa que eu mais detestava no sétimo ano, depois de morar com a Hannah em sua casa inacabada, era dividi-la com o resto da escola. A revelação de que Hannah faz muitas perguntas é ainda mais irritante. Hannah nunca *me* pergunta nada.

— Que tipo de bolinhos? — quero saber. Ele vira para mim, mas o veterano lhe dá outra pancada.

— Certo, chega — diz Richard, impaciente. — Podemos ir direto ao assunto?

Aqueles no comando trocam olhares e depois nos encaram. E depois me encaram.

Na mesma hora, ouço xingamentos, raiva, descrença, sussurros e comentários maldosos de quase todos na sala, menos dos veteranos. Sei o que está prestes a ser dito, mas não sei como me sinto. Insensível como sempre, acho.

— Você não é uma escolha popular, Taylor Markham — diz aquele no comando, interrompendo as manifestações. — Você é muito excêntrica e tem um histórico ruim. Fugir com um dos inimigos, por mais jovem que fosse na época, foi uma péssima decisão. Mas você conhece este lugar de todos os ângulos e está aqui há mais tempo do que todo mundo, e essas são as maiores vantagens que alguém pode ter.

Uma das minhas veteranas me cutuca na costela com força, e acredito que é hora de levantar.

— A partir deste momento — continua aquele no comando —, não respondemos mais perguntas e não damos mais conselhos, en-



tão não venham nos procurar. Não existimos mais. Amanhã, vamos para casa estudar e depois vamos sumir, e nosso papel aqui terá acabado. Então nossa pergunta é: Taylor, você aceita ou cede o cargo ao nosso próximo candidato?

Não estava esperando por uma opção. Preferia que simplesmente me mandassem assumir. Não tem nada nessa função que eu queira muito. Mas ser controlada por qualquer um dos protegidos desta cabana por um segundo sequer é uma perspectiva nauseante. Sei que, se não estiver no comando, vou ter que passar muitas noites em vigília, virando picolé no meio do mato.

Quando estou pronta, faço que sim. Aquele no comando me dá um caderno de capa roxa e um papel grosso dobrado e com vincos, que desconfio ser o mapa que delimita as fronteiras nas guerras de território. Então os alunos do décimo segundo ano começam a sair e, assim como todas as coisas insignificantes, assim que saem, é como se nunca tivessem existido.

Sento e me preparo para o que sei que está por vir. Os líderes das cinco Casas prontos para travar uma batalha. Um inimigo em comum: eu.

— Você não quer isso. Nunca quis. — Acho que o comentário vem do líder da Casa Murray, que nunca conversou comigo. Por isso, ele achar que sabe o que quero me parece no mínimo curioso.

— Renuncie e nós cinco assinamos sua saída — diz Richard, observando os outros. — Você não vai sofrer e vamos dominar o submundo.

— Richard tem ótimas ideias — explica a menina da Casa Hastings.

— Você não tem jeito com as pessoas, Taylor.

— E nunca comparece às reuniões.

— E não conseguiu informação nenhuma contra os cadetes no ano passado.

— Você passa tempo demais arranjando problema com a Hannah. Se ela ficar no seu pé, vai ficar no nosso também.

— Você não se importa com ninguém.

Eu os ignoro e tento voltar ao menino da árvore...

— Está ouvindo?

— Vamos votar.

— Se cinco disserem que ela está fora, ela está fora.

... de volta à árvore... Inspirando o ar intoxicante e ouvindo uma canção sem fim com um menino que tem uma história que preciso entender.

— Até onde sei, essa é a pior decisão que já tomaram.

— Calma, gente. Vamos votar e acabar com isso.

— Ela botou fogo na droga da lavanderia quando eu estava na Casa Lachlan. Quem pode confiar nela?

— Eram bolinhos de uva-passa.

Uma voz interrompe todas as outras e ergo a cabeça. Ben Cassidy está me encarando. Não sei o que vejo nos olhos dele, mas me faz voltar à realidade.

— O que está fazendo, Ben? — Richard pergunta em voz baixa, ameaçador.

Ben espera um pouco, e depois encara Richard.

— Aquele no comando escolheu ela, então a gente deve respeitar.

— Não concordamos que ela seja a líder.

— Vocês precisam de cinco votos contra — Ben os lembra.

— Murray? Hastings? Darling? — Richard diz para os outros, um de cada vez. Eles se recusam a me encarar e percebo que ensaiaram aquilo. — Clarence...

— Raffaella acha que precisamos conseguir a Árvore da Oração — Ben interrompe antes que Richard possa incluí-lo. Não sei se não conversaram com ele. Ben é considerado o mais fraco. Exceto

quando precisam de um voto. Grande erro. — É tudo que queremos de volta dos cidadãos — Ben murmura, sem olhar para ninguém.

Richard observa Ben com repulsa.

— E, claro, a Casa Clube é uma prioridade. — Ben continua, e vejo que está gostando da coisa.

Silêncio. Muito silêncio. Então me dou conta de que tenho meu próprio voto para me manter no cargo. Pelo menos por enquanto.

— Quem está no comando dos cidadãos este ano? — pergunto.

Encaro Richard fixamente. Ele entende que estou aqui para ficar e, apesar de demonstrar traição, petulância, ódio, vingança e tudo mais o que está pensando, ele me deixa ter meu momento.

— Vamos descobrir mais cedo ou mais tarde — ele responde.

Mas gosto desse poder.

— Ben? — digo, ainda encarando Richard.

— Sim?

— Quem está no comando dos cidadãos agora?

— Chaz Santangelo.

— Moderado ou fundamentalista?

— Temperamental, então precisamos causar uma boa impressão.

— Os cidadãos não se impressionam fácil — Richard diz.

Eu o ignoro.

— Ele vai ser difícil? — pergunto para Ben.

— Sempre. Mas não é nenhum valentão, ao contrário do líder dos cadetes — responde Ben.

— Quem? — Richard vocifera.

Vejo que Ben quase desvia, como se uma mão fosse surgir para acertá-lo na nuca.

— Vamos começar pelo mais importante: este ano vamos trazer os cidadãos pro nosso lado — digo, ignorando todos, menos Ben.

O coro de desaprovação é como aquelas músicas grudentas que sempre fazem sucesso. Em um minuto você já sabe a melodia e, em dois minutos, ela está te irritando.

— A gente nunca fez isso — retruca Richard.

— E olha onde chegamos! Nos últimos anos, perdemos uma quantidade significativa de território, que agora está dividido entre os cadetes e os cidadãos. Não temos muito mais a perder.

— Mas e a Árvore da Oração? — Ben volta a perguntar.

— A Árvore da Oração não é prioridade.

— Raffaella acha que a troca feita há três anos foi imoral — ele argumenta.

Tento não lembrar que eu, Raffaella e Ben passamos a maior parte do sétimo ano escondidos com Hannah. Nem me lembro mais da história de Ben. Um monte de tutores diferentes, acho. Um deles deu um violino para ele que mudou sua vida.

— Me faz um favor — digo um pouquinho dramática. — Nem pense em enfiar moral no que a gente faz aqui.